

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

Brunele Macedo Coelho

CORPO NEUTRO: CRÍTICA À DISPARIDADE DE ENSINO E ACESSIBILIDADE  
ACEITOS DIANTE DA ESCASSEZ DE PLURALIDADE DE LINGUAGENS NO MEIO  
ACADÊMICO TRADICIONAL

PORTO ALEGRE  
2021  
BRUNELE MACEDO COELHO

CORPO NEUTRO: CRÍTICA À DISPARIDADE DE ENSINO E ACESSIBILIDADE  
ACEITOS DIANTE DA ESCASSEZ DE PLURALIDADE DE LINGUAGENS NO MEIO  
ACADÊMICO TRADICIONAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Teatro.

Orientador(a): Mesac Silveira

PORTO ALEGRE  
2021  
BRUNELE MACEDO COELHO

### CIP - Catalogação na Publicação

Coelho, Brunele Macedo  
CORPO NEUTRO: CRÍTICA À DISPARIDADE DE ENSINO E  
ACESSIBILIDADE ACEITOS DIANTE DA ESCASSEZ DE  
PLURALIDADE DE LINGUAGENS NO MEIO ACADÊMICO  
TRADICIONAL / Brunele Macedo Coelho. -- 2021.  
33 f.  
Orientador: Mesac Silveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral,  
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Linguagens. 2. Plural. 3. Artista. I. Silveira,  
Mesac, orient. II. Título.

CORPO NEUTRO: CRÍTICA À DISPARIDADE DE ENSINO E ACESSIBILIDADE  
ACEITOS DIANTE DA ESCASSEZ DE PLURALIDADE DE LINGUAGENS NO MEIO  
ACADÊMICO TRADICIONAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção  
do título de Bacharel(a) em Teatro.

Aprovado em: \_\_\_\_ de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Celina Alcântara

---

Prof<sup>a</sup> Ana Cecília de Carvalho Reckziegel

---

Prof<sup>o</sup> Mesac Silveira - Orientador

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo discutir a naturalização das exclusões de linguagens, referências, discursos, ideias, saberes dentro dos ambientes acadêmicos, - neste caso específico de uma formação artística em Teatro – a partir de falácias como a de uma neutralidade do corpo. Esta referência de trabalho centrada numa perspectiva euro branca e masculina foca-se e direciona-se a uma pequena parcela de pessoas daquelas que acessam as práticas teatrais, fazendo com que o conceito de Teatro Plural se inviabilize neste meio acadêmico no qual esta artista que vos fala se insere.

Palavra chave: Linguagens, Plural, Artista

## ABSTRACT

This monograph aims to discuss the naturalization of language exclusions, references, discourses, ideas, knowledge within academic environments, - in this specific case of an artistic training in Theater - from fallacies such as that of a neutrality of the body. This reference of work centered on a white and male euro perspective focuses and is directed to a small portion of people who access theatrical practices, making the concept of Plural Theater become unfeasible in this academic environment in which this artist who speaks to you is part.

Keyword: Languages, Plural Theater, Artist

## AGRADECIMENTOS:

*-Quer mandar bjo pra quem Nelly?*

*-Eu queria mandar um bjo pra minha mãe,pro meu pai especialmente pra vc e pra Sasha...*

*Eu sempre quis dizer isso xDDD*

Brincadeiras à parte, agradecer ao meu Pai Ogum e à minha Mãe Yemanjá que jamais me deixaram sozinha nesses 8 anos e que sem essa fé que me moveu nada disso aconteceria.

Começar a agradecer aos meus Mestres guias dessa jornada Prof. Mesac Silveira que com sua sensibilidade conseguiu me mostrar algo em mim que nem eu mesma via, a Celina Alcântara e todo o grupo Ginga com as ótimas discussões que tivemos e inspirações que me passaram a cada encontro maravilhoso então meu muito obrigada.

Aos professores que me marcaram até chegar aqui, Cris Werlang, Patricia Leonardelli, Carmem Leonora e Daniela Aquino que suas palavras ainda repercutem na minha mente como se fossem ditas ontem então meu muito obrigada.

Existe um certo grupo de pessoinhas que entraram na minha vida esse tempo de pandemia e que mesmo que estejam longe (pois cada um mora num estado) foram meus companheiros de reta final e ajudaram, muitas vezes sem ao menos saber o quanto, a seguir e conseguir estar aqui hoje então pra vcs meus amigos de RPG de conversa e que espero levar pro resto da vida então Pedro, Baby, Zero, Gabs, Leshira, Sam, Shion, Dedei, Vodek, Erick meu muito obrigada!

E esse cantinho é pra eles, meus anjos, meus irmãos de alma que estavam lá pra me ajudar com qualquer coisa a qualquer hora do dia e da noite, então Stephanie Machado continue sendo essa pessoa maravilhosa que tu és e Saulo Almeida queria eu estar mais pertinho de ti mas mesmo assim tu foi e é uma das pessoas mais importantes na minha vida então meu muito obrigada.

E por último mas nunca menos importante, a minha família, a minha Tia Tania que nunca deixou de acreditar em mim, mesmo que parecesse que o mundo estava contra mim ela nunca deixou de segurar minha mão, mesmo que do jeitinho dela (de um Cavalinho Filha de Ogun Onira), Da minha Prima Lara que sempre disse que eu chegaria onde estou dos meus filhos que me inspiraram a batalhar meu muito obrigada!

E a ele, o Homem que um dia a 14 anos atrás, eu conheci sentadinho no canto de uma de taverna de RPG tomando uma Cerveja, e nesses anos, virou meu amigo, meu confidente, meu companheiro de presepadas, meu namorado, meu noivo, e hoje senta comigo todas as noites me dando a oportunidade de amar e ser amada como jamais fui então Jack carvalho meus mais sinceros MUITO OBRIGADA!

A todos vocês e quem por ventura e eu esqueci de por aqui mas sabe seu valor na minha vida, de novo eu digo

Muito Obrigada!

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO ..</b>	<b>09</b>
<b>1.1</b>	<b>CARTA I-MEU EU “Is ME NELLY!”</b>	<b>16</b>
<b>1.2</b>	<b>CARTA II -O DAD “ Obrigada Nelly Mas a Dignidade está em outro castelo”</b>	<b>22</b>
<b>1.3</b>	<b>CARTA III -MEDEIA “A vida é um jogo, criança! Tudo depende de como você joga!”</b>	<b>28</b>
<b>2</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>33</b>

“

*Tire o seu sorriso do caminho  
que eu quero passar com a minha dor  
Se hoje pra você eu sou o espinho  
Espinho não machuca a flor  
Eu só errei quando juntei minha alma a tua  
O sol não pode viver perto da Lua”*

## *A Flor e o Espinho*

*Nelson Cavaquinho / G. Brito / A. Caminha*

Caro senhor leitor, como estamos? Espero que bem

Estamos 6:20 da manhã do domingo do dia 20/03/21 em plena crise esquizofrênica, bem clássica ao meu ver, mais atípica pois meus escritos que normalmente iriam para um diário ou algum documento de word qualquer e se perderam por lá e...

Voilà!

Estão virando arte.

Ou pelo menos algo a mais do "ah tuas frescuras de novo"

ou

“ Nossa guria tu inventa moda né”

Senhoras e senhoras me digam que sou uma genia absoluta pois consigo “inventar” varias vozes na minha cabeça falando coisas desconexas e normalmente negativas e até mesmo destrutivas contra a minha pessoa fazendo meus pensamentos se tornarem um porão escuro de tortura onde eu sou a prisioneira, o carrasco, o guarda da cela e ainda por cima preciso ser a babaca dançando em praça publica pra dizer que está tudo bem esses porões não existem.

*“Viver e morrer dentro do lado de fora, muito longe de um mundo humano que, ao mesmo tempo, está perigosamente próximo demais, pode ser igualmente intolerável para muitos dos que são produzidos como esquizofrênicos. Por isso mesmo, é tão fácil (re)edipianizar a maioria, gerando legiões de loucos bonzinhos, obedientes, robotizados e desvitalizados pelos medicamentos antipsicóticos, que vegetam por aí, nos lares, nos Caps(cada vez menos nos hospícios. Já não é necessário). Porém (e felizmente), há “os que não se deixam edipianizar”<sup>1</sup>*

Diz Marcos no seu livro sobre Artaud e sinceramente eu concordo, há uma necessidade de "embelezarmos" o embelezável, tentando arduamente deixar menos feio o grotesco, mas ele nasceu pra ser feio, se tirar isso dele o que sobra? o que se torna esse ser que nasceu para ser grotesco? e será tão feio? o que é feio? o melhor....pra quem é feio?

*Ele louva Artaud como um corajoso  
que se deixou ser levado pela sua condição  
para alcançar o inalcançável  
e os “loucos bonzinhos”  
estão ali se deixando  
ser controlados e bla bla bla....*

---

<sup>1</sup> Deleuze e Guarrari, op. cit., p. 108), com todos os riscos que essa resistência ao "juízo de Deus" acarreta. “ (Três esquizos literários: Antonin Artaud, Raymonf Roussel e Jean-Pierre BrissetLima, Marcos Eduardo Rocha pg 38)

Mas né, nos situemos, Artauld é um gênio no meio acadêmico hoje em dia... porque sua branquitude o permitiu ser, se ele fosse negro seria apenas mais um drogado maluco falando asneiras por ai que ninguém nem saberia o nome muito menos daria algum valor para as “baboseiras” que ele diz...

No auge de uma crise, entraria em pânico em casa depois de escrever suas dores pela parede do seu quarto, sairia pela porta vendo sua mãe rezar pra todos os santos a melhora do filho que era um bom menino mas começou a surtar do nada.... Tentaria conversar com algum amigo pois nem sua namorada aguentou suas constantes crises e foi embora, mas os mesmos também já estão de saco cheio do “maluquinho” por perto, “é engraçado nas festas mas parece que ele tá sempre chapado” dizem pelas suas costas...

O maluquinho estaria numa rua qualquer, correndo atrás do seu “ópio”. O maluquinho seria parado, revistado, espancado, exposto, humilhado, levaria um tiro de “advertência” – veja bem, de advertência, apenas de advertência – e acabaria sendo desovado num mato qualquer. Maluquinho ganharia então as telas do noticiário, mostrado no Datena como “vagabundo morto pela polícia!”. Seria uma advertência. Uma advertência para outros maluquinhos. Uma advertência para que não se atrevam a viver.

25 de abril de 2021 – o Presidente da República tira uma foto segurando um CPF coberto por uma faixa onde se lia: CPF CANCELADO.

Fim.

..

*“Lave o rosto nas águas sagradas da pia,*

...

*Nada como um dia após o outro dia*

....

*Que, sou eu seu lado direito,*

.....

*Tá abalado, por que veio?*

.....

*Nego, é desse jeito!”*

.....

*Durmo mal, sonho quase a noite inteira,*

.....

*Acordo tenso, tonto e com olheira*

.....

*Na mente, sensação de mágoa e rancor*

*Uma fita me abalou na noite anterior”(Racionais MC)*

Mas olha você ainda está aqui. e isso é algo a se comemorar quer dizer que você quer estar aqui e isso é ótimo...

Mas o que me faz perguntar, POR QUÊ?

o que a fala de uma mulher negra, esquizofrênica com 4 filhos cheia de problemas, falando sobre suas loucuras e seus devaneios, há de te interessar? E porque lhe interessa?( se você é alguém da banca ignore pois afinal tu iria ter que de um jeito ou de outro)

No que a minha dor interessa?

principalmente COMO ela interessa?

Não na real deixa, tu nem sabe porque está aqui e nem faz mesmo questão de ouvir.

Dúvida?

Então lhe farei uma pergunta sincera e dependendo da sua resposta nem continue.

**“ Tu consumes conteúdo negro ou apenas a DOR DO NEGRO te chama a atenção?”**

Tu assiste filmes com protagonistas/temáticas negras que não escravizam racismo?( e a afirmação “- ahh mas eu não encontro” não te salva nem um pouco VAI VER O PANTERA NEGRO CARALHO!)

R:?

Tu vai em eventos sobre algum aspecto da cultura negra que não envolva o teatrinho ridículo e mastigado de “negritude pra branco” e sem cunho de pesquisa?, já foi, apenas para curtir, em uma feira em bairro mais periférico? Um festival quilombola ou um terreiro raiz?

R:?

Assistiu Peças teatrais, a Canais no YT, segue Blogueiras, consome comédia, ou qualquer coisa feita por gente negra que NÃO diretamente fala sobre a nossa dor?

JÁ ASSISTIU UM VIDEO MEU?

R:?

*Não queria dizer nada mas imaginar  
o barulho das engrenagens  
do seu cérebro tentando raciocinar  
sobre isso é deveras engraçado...*

Eai?

Ora vamos responde sinceramente, pense um pouco, não é tão difícil assim não é... Nós negros assistimos vocês o tempo todo,conhecemos sua cultura de cabo a rabo, nos vestimos como vocês, comemos como vocês, e por muito tempo nos espelhamos em vocês mesmo esse reflexo distorcido que nós víamos sobre seus espelhos nos trouxesse tanto tormento por séculos estamos aqui não é? E você está desconcertada porque lhe fiz uma simples pergunta?

*“Sim desconcertada é exatamente esse o sentimento que tu estás neste momento, querendo pensar nas melhores desculpas do “porque” de nenhuma das perguntas que fiz serem positivas*

*“ah mas eu não tive acesso” GOOGLE,*

*“ah mas eu tinha esse entendimento antes” GOOGLE*

*“Ah mas eu tenho um amigo negro que tocava numa banda de pagode e eu ia diret...” Sério que tu tentou essa?--”*

A dor do negro é bem mais atraente, ela vende mais, parece mais fácil de ver e “entender” e ter uma falsa identificação( “ai nossa super entendo sua dor”)

É quase como se na faculdade da vida, Cultura Negra fosse um módulo do curso e tivesse ali várias cadeiras eletivas:

Disciplinas - Bloco 1	Turma	Etapa	Caráter	Créditos
(BRN012184)CONHECIMENTO EM CULTURA NEGRA	U	0	Eletiva	3
(BRN012154)AÇÕES EFETIVAS ANTI-RACISTAS	U	0	Eletiva	3
(BRN012547)SEMINÁRIO SOBRE A DOR DO NEGRO	U	0	Eletiva	3

Todas as disciplinas tem o mesmo “peso” mesmo vou no mais fácil, aquela que tu só precisa apresentar o seu amigo negro, ou sua tataravó negra, ou seu tio meio indio,que seu nome na lista de presenta ja consta e pode já pode ir pro Xirú tomar sua cerveja.

Existe um sentimento por traz disso que eu particularmente não consigo entender( talvez pelo fato de nunca ver o povo negro “melhor na fita” do que outro povo) parece que vocês se sentem melhor que, por mais que ainda sim continuemos a ser agredidos e sofrermos constantemente, vocês estão “cientes” desse sofrimento e agora assistindo estão fazendo muito pela causa é um sentimento de paz na branquidade que beira o sadismo.

Mas olha quem diria tu ainda está por aqui...

Tu estás disposto mesmo a me ouvir?disposto a tentar entender,ou pelo menos se perder junto comigo nem que seja apenas enquanto essas palavras passam pelos seus olhos?

Sim?Bom então vamos começar pelo começo.

*“Na verdade pelo meu começo...  
sim senhoras e senhores  
eu também tenho uma espécie de “data de nascimento”  
ou como os especialistas gostam de chamar  
“evento traumático”  
Prazer, sou a Bru a Voz de comando da Nelly  
,então pegue sua pipoca  
e apenas me vejam  
como o comentarista  
desse  
documentário”*

*Eu sinto que flutuo...*

*mas não da maneira romântica linda e branca.*

*Eu flutuo como um fantasma, um ser etéreo que está em  
um mundo que não é mais seu, tentando,  
desesperadamente, ser e pertencer àquele lugar, mas  
apenas flutua sobre ele na condição de fantasma.*

*uma sombra do que é, do que foi  
ou um vislumbre do que gostaria de ser.*

*Diário Pessoal - Nelly Coelho*

## CARTA UM -MEU EU

*Is me Nelly!*

Moro sozinha desde meus 16 anos....

Minha mãe decidiu que iria morar na praia e eu não quis ir, nos longínquos anos 2000 uma garota menor morando numa casa sozinha( mesmo que tivesse mais pessoas no pátio como tios e tias) era uma boa ideia então minha mãe me deixou ficar. Nessa época o conselho tutelar só existia para levar os jovens pra Febem ou fazer uma ação na escola, eu já tinha trabalhado, namorada e era “responsável” então na minha cabeça aquilo realmente era uma boa ideia.

*Quer dizer ela já tinha feito  
um estágio em uma empresa de contabilidade  
e ganhado 150 reais por mês  
o que isso em 2020 é uma ida ao supermercado  
mas esse era o salário mínimo da época,  
trágico não é mesmo?*

Querendo que eu desistisse da ideia, me deixou apenas com a mobília do meu quarto, uma geladeira um fogão e uma carcaça de máquina de lavar e de uma casa com 4 pessoas barulhentas o silêncio se fez presente. Eu tinha meu quarto como meu refúgio, meus brinquedos velhos, minhas anotações desconexas e meus desenhos mal feitos me davam uma sensação de preenchimento sobre o vazio que estava o resto da casa.

*Vamos guria diga a verdade!  
pessoas o que ela tinha mesmo  
um armário velho do antigo quarto da minha prima,  
uma mesinha com o guerreiro inseparável AMD K6-500  
um computador da época  
que tinha menos espaço que um pen drive de hoje,  
mais lento que programar o microondas  
mas era febre entre os adolescentes.  
uma tv com um play 2, conectado  
e abaixo da prateleira de livros  
uma cama de casal que só não foi pra praia  
pois já estava quebrada e*

*NÓS consertamos*

*(sim eu recém nascida consertando cama olha o orgulho).*

Eu também não tive nenhum aporte financeiro a não ser 50 reais mensais para comprar as “fichinhas” escolares e eu era PROIBIDA de repetir de ano pois se isso acontecesse eu estaria condenada a ir morar na praia do quintão com ela. Eu estudava no Júlio de Castilhos, mais conhecido como Julinho, o maior colégio de ensino médio do RS mas na minha época para os adultos era sinônimo de bagunça e baderna, drogas e gravidez na adolescência

*Ai se pudéssemos voltar no tempo  
teria tomado o controle,  
chutado aquele namorado idiota  
e aproveitado bem mais  
nossa adolescência...*

Então eu não tinha nenhuma escolha senão estudar e estudar muito, afinal eu estudei da 1° a 4 série em um colégio particular, ou seja, o suprassumo do ensino, então eu obrigatoriamente precisava ser a melhor aluna que o mundo já viu.

Todo o estudante tinha o mesmo gasto de fichinhas básico (numa época onde o trinem pensava em existir), uma pra ir uma pra voltar e uma pra comer, o que não precisa ser de exatas pra entender que no final do mês ia faltar, então se escolhia ficar com fome no recreio ou fazer as contas de quantas aulas poderia faltar no mês em troca de poder lanchar fora de casa.

*”Ela aprendeu mais economia assim  
que no próprio curso de contabilidade que fez depois,  
na verdade muita das coisas que aprendeu na vida  
foram exatamente nesse momento  
de estudo sem suporte,  
como se estuda bem pra uma prova tendo 16 anos  
e precisando pensar como pagar a luz com a barriga vazia  
pois as bolachas maria havia acabado  
e o KIsuco estava mais aguado pra render?”*

A relação com dinheiro de “mãe me da tal coisa” passou para “Mãe nem sonha que tem tal coisa” em questão de meses, eu nunca fui alguém que passei necessidade na vida até aquele momento, sempre tive ciência que mesmo vivendo na periferia eu era privilegiada em vários aspectos pois podíamos não ter muito dinheiro para os padrões de gente mais abastada mas minha mãe sempre proveu tudo que era necessário para formar meu caráter e eu ter uma infância feliz (tinha videogame da época, brinquedos, livros etc) e não tinha como me comparar as famílias dos meus colegas que mal tinham uma mãe presente quem dirá uma que lhe dava Machado de Assis para ler aos nove anos com um dicionário do lado.

*Dona Heloisa detestava explicar as coisas,  
 "tem dicionário não entendeu uma palavra procura  
 e descobre ou então não lê esse  
 já te dei a turma da Mônica pra isso."  
 ela costumava dizer.*

Essa vantagem financeira era o maior trunfo da minha mãe e eu não podia simplesmente mostrar aos vizinhos que ela não estava provendo a “filhinha” dela tudo que eu queria como antes, eu sabia o quanto a relação de Status na Vila se dava basicamente de como seus filhos andavam, com que roupas, calçados, que escolas estudavam ou o que comiam ou não e minha mãe sempre prezou pela excelência disso na minha vida. Eu sempre tive todas as mordomias e principalmente os caprichos de criança como ter o salgadinho mais caro ou o tênis de luzinha

·  
 Não vejo meus colegas terem essa relação de retirada de “mimos” tão cedo e tão abrupta, acho que nós da periferia temos a obrigação de crescer mais rápido, não importa a que preço.

Cortaram minha luz, a água era dividida com outras pessoas do pátio então não precisei perder, minha tia do lado me doou um bico de luz onde eu ligava a geladeira e uma lâmpada que eu desligava para ligar a máquina de lavar uma vez por semana, tentava sempre lavar a roupa de dia pra facilitar minha vida

*“a carcaça de máquina que elas deixaram  
 pois se tirasse do banheiro desmontava  
 o que aconteceu uns anos depois  
 mas não antes de ter as melhores  
 enjambrações e gambiarras*

*,ter amigos eletricitas ajudava bastante'*

Fiquei assim por uns 2 (dois) meses quando arranjei um estágio na polícia civil, paguei as contas de luz atrasadas, comecei a pagar a minha parte na água e finalmente pude pagar minha internet e ainda juntei dinheiro e no fim do ano quando fui passar as festas com a família, deixei meu boletim de aprovada no segundo ano do ensino médio junto com os 600 reais que ela tinha me depositado em cima da mesa e disse um “ muito obrigada pelo empréstimo, já consigo me virar sozinha”.

Pra ti pode beirar o ridículo uma menina de 16 anos com um emprego pífio sem completar o ensino médio bater no peito e dizer “já posso me virar sozinha”? Fiquei sabendo que em 2021 ouvi isso vindo da casa do lado, a menina dizendo pro seu pai que ela ainda tem um bebe de 3 meses nos braços, ou seja nós tivemos vidas muito diferentes, mas mesmo sendo por escolha ou por obrigação porque então essa cena se repete com as mulheres negras.

Fui criada com duas imagens muito fortes dentro de casa que era minha mãe a chefe de família, a matriarca das “grande família” pois todos os B.O’s dos irmãos era ela que resolvia sempre e minha tia que era a “dona de casa” ela que cuidava de mim e da minha prima 24h pois minha mãe era enfermeira particular e ficava 2-3 dias fora de casa. Nenhuma delas casou, minha mãe namorou muito mas nunca “assumiu ninguém”, minha tia foi trocada por uma mulher mais “nova” pelo pai da minha prima logo que ele soube que ela estava grávida e nunca me dei conta que ambas as mães criaram suas filhas para serem o seu reflexo, mesmo que sem querer.

Winnie Bueno no seu livro sobre imagens de controle exemplifica com uma fala da Patricia Hill sobre os estereótipos de Mulher negra que existem, e em Black Lady a minha mãe se encaixava

*“Mulheres negras de classe media que representam uma versão moderna da política de repetibilidade promovida pelas mulheres dos clubes negros, essa imagem pode não parecer uma imagem de controle, mas um elogio. Estas são as mulheres que ficaram na escola, trabalharam duro e alcançaram muito. No entanto, a imagem da Black lady baseia-se na imagem anterior da feminilidade negra de muitas maneiras”. Por um Lado, esta imagem parece ser mais uma versão da mammy moderna, ou seja, a trabalhadora negra que trabalha duas vezes mais que todos os outros. A imagem da Black Lady também se assemelha a aspectos da tese do matriarcado-as black lady tem empregos que são tão consumíveis que não tem tempo para os homens ou que se esqueceram de como tratá-los. Como elas rotineiramente competem com os homens e são bem-sucedidas nisso, elas se tornam menos femininas. As*

*Black Ladies altamente educadas são consideradas muito assertivas- é por isso que não conseguem que os homens se casem com elas.<sup>2</sup>*

Minha tia era a “Grande Mammy” mulher guerreira e muito atenciosa, estava lá sempre pra limpar, cozinhar, lavar, entre outras coisas. Ela era que cuidava da parte da casa toda, minha mãe nem sabia quanto ganhava, pois minha tia tomava conta de tudo, se minha Tia era a Dona do lar, minha mãe claramente era o “provedor da casa” e pra ela uma filha não poderia ser diferente disso.

Minha relação com a mãe sempre foi assim, uma desafiava a outra o tempo todo, minha mãe sempre me tratou como a criança mais inteligente mais preparada mas ao mesmo tempo nunca teve vontade de me apoiar nos talentos que ela achava inútil, eu sempre cantei e comecei a fazer teatro com 10 anos, era a melhor do grupo todos diziam mas minha mãe nunca foi em nenhuma apresentação minha por achar que não iria me ajudar em nada aquilo, que eu precisaria focar em coisas úteis.

Quando fui para o ensino médio consegui fazer teatro mas a mesma coisa se repetia, afinal virar atriz não dá dinheiro e eu ser boa não era mais que a minha obrigação, terminei o ensino médio e depois de tanto tempo dizendo que ser atriz não daria certo fui pra Administração, e em todos os anos que se seguiram eu sempre tive que ser a mulher independente, a chefe do meu lar ( que naquela época era só eu mesmo)

Isso foi passando a ser a minha verdade, eu não tinha que ser boa em algo para mim eu tinha que ser Boa porque eu não tinha a MENOR possibilidade de não ser.

Bom eu achava isso né...

---

<sup>2</sup> *Buenno, Winnie- imagens de controle pg 107)*

*Morri dia 19 do mês passado  
vi meu corpo balançando enforcado com um lençol  
vi o choro de quem amava  
e as perguntas de por que  
vi o teatro de quem apenas se importa  
com a falta que os meus préstimos  
vão fazer na sua vida  
E desde lá sinto todos os dias  
a marca do lençol no meu pescoço  
a falta de ar  
agonia da Morte  
que apenas termina no fechar de olhos...  
que se interrompem no meu acordar fazendo com que  
esta noite se torne um grande dia da marmota eterno.*

*Diário Pessoal - Nelly Coelho*

## CARTA 2 - O DAD

*"Obrigada Nelly, mas a dignidade está em outro castelo!"*

Até chegar o DAD,

Não é a minha primeira graduação, mas com certeza é o lugar onde mais me senti "estar pela primeira vez" em algum lugar, sempre fui uma amante de leitura, de todas as formas e estilos mesmo sendo nerd, porém no DAD aos poucos fui separada da criatura "atriz de palco" e a "estudante literária" pois a barreira do acadêmico é um muro muito alto íngreme e criminoso de subir. A cada aula teórica eu tinha mais a certeza de que eu era alguém que claramente não deveria estar ali pois aquele conhecimento não me pertencia, aquelas palavras não me faziam parte da minha história e jamais qualquer que fosse minha atuação em algum palco teria conexão com qualquer tema ou prática ali citado.

Tive um episódio extremamente desesperador, eu estava no primeiro semestre em uma cadeira teórica sobre a história do teatro, tecnicamente muito satisfatório pra quem gosta de história como eu e realmente participava das aulas ativamente mas chegou na prova eu simplesmente travei, na verdade eu respondi a primeira pergunta e chegou na segunda fiquei quase trinta minutos olhando a prova, o prof e os colegas com vergonha de estar ali, decidi perguntar então:

-Prof se eu entregar a prova em branco tem recuperação?

Ele até impressionado:

-Mas como tu sempre participa nas minhas aulas acho que tu tem algo a responder ai

Então perguntei o que me matava

-Prof o que quer dizer "discorra"?

*"""""""" Sim pessoal ela não sabia o que era discorrer,  
assim como no meio do curso  
não fazia ideia de como falar em francês  
mas teve que assistir um documentário de 2 horas  
sem legenda sobre o "decruez"  
ou assistir uma peça alemã com legendas CANALHAS em inglês,  
já pressupondo que ela fala inglês não é mesmo?  
e os textos em espanhol que são dados a rodo  
e FODA-SE que tu não é obrigado a saber espanhol fluente?""""""*

Recebi a explicação sobre o que era e desde aquele momento todos os olhares quando eram dirigidos a mim tinham uma carga de “tadinha” enorme, trabalhos em grupo eu nem era cogitada no grupo dos “alunos sábios” e acabei por adotar essa posição de “aluna do fundo”.

Minha capacidade no palco, por mais satisfatória e até surpreendente as vezes, que fosse nunca era levada em seu completo potencial por sempre haver uma “falta de algo” e eu nunca descobri o que era, comecei a entrar numa neura de que sempre estaria faltando algo em mim e nunca iria corresponder, e quando minha cena era impecavelmente feita, nunca senti um olhar de “ela aprendeu” e sim um “nossa como ela conseguiu? coincidência de certo”

Esses olhares mudaram definitivamente depois que engravidei, eu já estava com problemas de faltas por não me sentir à vontade nas aulas e o olhar de “sorte” se tornou um olhar de “pena”, fui reduzida a mamãe que precisa de ajuda pra tudo e meu trabalho era apenas o mínimo, e eu ali cedi e entrei nessa. Repeti diversas vezes cadeiras pois nunca me sentia apta a terminá-las, havia acreditado que era medíocre e indigna de estar ali, entrei em depressão, desistir do curso, e me vi machucada pelo palco que tanto amava e havia lutado para estar ali, porém ao mesmo tempo eu sempre estava lá pra ajudar qualquer um que estivesse precisando, sempre estava sendo suporte, sempre auxiliava aos colegas e os mesmos sempre me corresponderam de uma forma ótima( bom a maioria deles) e daí me dei conta de uma coisa:

*Será mesmo que eram os alunos que me empurravam para esse lugar?*

Comecei a questionar muito sobre quem ensinava e o que ensinava e me dei conta que muito dos “mestres” que estariam ali para me ajudar a ser a melhor versão de mim simplesmente queriam que eu fosse a melhor versão do que ELES acham que era eu e, esse EU que é o aceitável no meio acadêmico que eles acreditam.

Voltando ao ensino fundamental tive 2 fases muito distintas estudando em colégio particular de freiras até a 4° série, onde eu era invisibilizada de todas as formas possíveis sendo excluída de apresentações por motivos fúteis sendo a preta apagada e sem voz ou relevância alguma.

Então vamos pra segunda parte onde na 5° série minha mãe precisou me colocar em um colégio estadual perto de casa, e eu era considerada( e literalmente chamada de) a “nequinha cheia” mas não pelos meus colegas e sim pelas minhas professoras que diziam que eu era muito metida, e eu nada mais era que mais letrada que a maioria dos meus colegas mas era inconcebível na mente delas que alguém como eu fosse daquela forma.

Me Candidatei ao conselho escolar, eu ganhei a cadeira no conselho como representante dos alunos, e nunca faltei uma reunião, era muito ativa e precisa nas questões pois havia decorado o regimento escolar de cabo a rabo, porém eu não servia, o aluno naquele conselho era pra ser meramente decorativo e não exercer influência em nada, mas eu não o fazia e por isso era rechaçada pois isso, sendo

descrita pelos professores como uma “metida a grande coisa” e meus menores gestos eram sempre interpretados como afronta direta a professora. Uma vez eu caminhava pelo pátio de cabeça baixa pensando em como o Ash pode deixar a *butterfly* ir embora, afinal ela era um pokémon mó daora, quando uma das professoras (Prof Cléo nunca esqueci esse nome) parou na minha frente, eu como vi os pés da mesma levantei a cabeça pra ver quem estava ali e não bater na pessoa afinal sou desligada mas tudo tem limite, e essa então surtou dizendo que eu era uma “nequinha muito arrogante” pois a olhara de baixo pra cima num claro deboche, eu sem entender fiz uma cara de surpresa bem grande e ela “ ainda dissimulada! Não confio em gente como tu que olha no olho da gente pra afrontar! Saiu batendo pé, eu lembrei na hora do que a minha mãe me disse “*jamaís deixe de olhar nos olhos das pessoas Brunele, quem fala de cabeça baixa já anda derrotado*” e naquele momento eu entendi o que a minha mãe quis dizer com aquilo.

*Nós tínhamos apenas 10 anos,  
com quantos anos  
tu entendeu essa frase?*

Me ensinaram que o saber de mais não era pra mim, que não era necessário eu mostrar que sabia algo ou responder alguma coisa e principalmente questionar alguma coisa, o que era meu esporte, achar as contradições nas questões dadas, porque meu método de aprendizado era entendendo real a situação e não apenas decorando o que está escrito em um livro, quando eu tirava nota máxima nas provas sempre vinha o questionamento de como eu fiz isso e depois que eu arranjei o meu primeiro namorado e este era branco a justificativa era que eu ia na “cola” dele sempre.

Todo e qualquer conhecimento vindo de mim era deslegitimado, todas as minhas ideias que saiam um pouco do sistema da escola eram censuradas, sendo necessário mais provas do que do resto dos colegas e eu mesmo sabendo disso, tendo essa consciência fui aos poucos sucumbindo a esse mundo.

*Os grupos oprimidos são frequentemente colocados na situação de serem ouvidos apenas se enquadrarmos nossas ideias na linguagem que é familiar e confortável para o grupo dominante. Esse requisito frequentemente muda o significado de nossas ideias e atua para fortalecer as ideias dos grupos dominantes.<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> Bueno, Winnie- imagens de controle pág 50)

Quando entrei no DAD eu já havia passado pelo ensino médio, por duas faculdades e o mercado de trabalho administrativo majoritariamente branco então já estava cansada de ser a negra brava, a contestadora, a metida, a que “quer aparecer” esse é um lugar que que nos cansa, nos adocece e eu só queria viver o momento mágico que era estar numa universidade federal estudando o que eu amava o problema foi que eu não li as letras miúdas do contrato e por um tempo vendi minha alma para a aquilo que eu tanto lutei pra fugir justamente por estar fazendo isso.

Me pediam pra ser a melhor negra que a academia pudesse vender, a melhor cotista que se poderia moldar, a melhor aluna que se poderia reescrever e eu não consegui entregar nada disso, e aí então me foi pedido apenas que eu não incomodasse, que passasse despercebido sem expor problemas ou precisar de soluções difíceis.

Nesses 8 anos de Faculdade eu já fiz aula, acuada, triste, confusa, grávida, recém mãe, passando fome, doente, depressiva, em crise esquizofrênica, com meu filho no hospital na UTI, com a filha recém nascida arrancada dos meus braços presa num abrigo por um sistema racista, lutando pela guarda dos meus filhos, tentando provar ao mundo que não era drogada, chorando, machucada por dentro, virada do trabalho e quando eu finalmente deixo transparecer meu desespero minha agonia minha súplica de “por favor me ajudem não consigo mais” durante uma prova que não consegui fazer direito que meu filho me chamava e a chefe exigia que eu voltasse pro trabalho e cumprisse as 10 horas antes de sair, escuto de uma professora:

*“Bom, se tu não tem condições de estar nessa universidade acho que tu deveria repensar estar aqui”*

*De todas as vezes que eu quis cuspir tudo que se passava com a  
 gente,  
 naquela hora eu realmente precisei  
 me segurar para não tomar o  
 controle da situação, e  
 ESFREGAR AQUELA CARA DESLAVADA  
 na parede mais próxima  
 de uma forma que ,nem se ela fosse passar  
 as férias na maldita França,  
 que vai todos os anos ,  
 ia achar um cirurgião  
 que iria consertar o estrago!  
 desculpe me excedi...*

Eu não tenho condições?Eu não consigo?Quer dizer que seguir suas regras, que morrer por dentro todos os dias, que tentar mais de uma vez ser aceita e se encaixar no meio esdrúxulo e sem nenhum respeito pela minha vida real só é válido se eu em momento nenhum desmontar desse personagem? É ISSO?!

A desconstrução machuca,acreditar em quem sou,no que faço e como faço é sim algo que vale a pena e não foi o DAD como instituição tradicional que contribuiu pra isso e sim as parcerias que assim como eu estão lutando e resistindo lá dentro pra não surtar e serem engolidas por demônios pseudo europeus bebedores de vinhos.

Fui fraca e me mostrei  
fui fraca e me expus  
não fui eu mesma fraquejei  
e agredida eu fui  
A vida segue e agressão  
toma várias formas  
o desespero toma meios estranhos  
ao corpo doente  
mas que ainda sim  
funciona por um tempo  
mas quanto tempo e  
porque eu deveria ter que suportar

*Diário Pessoal - Nelly Coelho*

## CARTA 3 - A MEDEIA

*A vida é um jogo, criança! Tudo depende de como você joga!*

Estou aqui escrevendo num quarto de hotel numa cidade do interior onde estou fazendo um projeto teatral de comédia e me peguei pensando:será que a mulher que eu narrei acima estaria onde estou hoje?Definitivamente não!

A academia tradicional, tentou mostrar que apenas um caminho era possível e se eu não me adaptasse a isso claramente minha experiência seria em vão.

Mas porque?por não ser aquilo esperado? por não ser aquilo pretendido? por não ser aquilo fabricado?

Fazendo esse tcc percebi o porque de Artaud ser apresentado para os alunos quase no fim do curso, suas teorias fazem o aluno repensar o meio acadêmico como um todo e não só no palco onde "qualquer loucura diferente" fica sensacional a maioria dos grandes olhos

Quando fiz a cadeira de Atelier,fizemos uma adaptação da peça chamada Os javalis de Gil Vicente Tavares, sendo essa uma peça onde os dois personagens que interagem não possuem nomes(e sim são chamados de homem A e homem B) e optamos por trabalhar com o conceito de "persona", uma técnica usada no stand up que consiste em usarmos uma dilatação de nós mesmos no palco não montando um personagem em si.

Como é de "praxe" no meio do processo de criação são chamados professores que não estão envolvidos diretamente na cadeira para assistir e dar seus pareceres sobre as cenas e como podemos melhorá-las assim como nosso desempenho. Em uma dessas idas, depois que terminamos de apresentar, uma das professoras envolvidas,mesmo nunca tendo me dado uma aula prática ou mesmo sendo docente da faculdade disse a exata frase:

*"...Essa vida SOFRIDA que tu leva,tu traz pra cena..."*

Na hora eu ri e simplesmente respondi: "pelo menos um dia essa vida de bosta me ajudou em alguma coisa! "Lembro que em súmula ela tinha gostado muito da minha atuação e me dava parabéns além de algumas dicas mas a única frase que me lembro com exatidão é essa que citei acima, pois depois do ocorrido fiquei me perguntando "Mas eu não coloquei emoção alguma "sofrida" em momento algum" e realmente refletindo sobre a cena em si ela por si só tem um tom cômico e sendo teatro do absurdo ficava bem escrachado essa comicidade.

Mas então o que "sofrido" da minha vida eu passei dando aquele texto cômico? Fiquei um tempo tentando ver aonde eu tinha deixado transpassar alguma coisa consciente ou inconscientemente mas me dei conta que na verdade eu não passei nada que não tenha ensaiado ou não tivesse controle, então fiquei me perguntando se o fato de que já estava na época a quase 8 anos na faculdade, de ter 4 filhos, trabalhar e por conta disso não ser a aluna exemplar (não falta, está sempre disposta, etc.) que não é segredo algum no departamento todo, já me atribuiu a essa "vida sofrida" e contaminou a visão da minha atuação para isso?

E se isso aconteceu, por que isso ocorreu?

O ponto que estou querendo abordar com relação ao corpo neutro que "aprendemos" no meio acadêmico tradicional e que é empurrada goela abaixo. A neutralidade do corpo mais comumente difundida, é sobre corpos Sadios, descansados, flexíveis dentre outros "adereços padrão" e normalmente vem de alguma linha teórica europeia (ou seja o corpo imaginado inicialmente sempre é de alguém caucasiano padrão) fazendo com que o conceito de corpo neutro se perca nessas micro regras onde apenas um time de pessoas vai vencer sempre. Veja que quando eu falo de corpos sadios, eu quero tocar na parte onde o corpo com alguma "limitação" seja ela natural ou não, normalmente não é um corpo neutro a ser exemplificado em nenhuma demonstração em sala de aula, e normalmente ou é constantemente corrigido ou é "esquecido" dentro do todo (ah o "fulano" não precisa forçar tá) fazendo com que a perpetuação desse corpo neutro padrão continue acontecendo

Saulo Almeida, mestrando da USP, em uma postagem de Facebook disse:

*"A descolonização teatral não é apenas sobre o que ocorre no "espaço cênico", mas sobre o olhar de quem observa. Talvez, aí esteja o mais difícil. Nossos parâmetros do bom e do mal teatro já estão dados. O tempo de duração, a linha dramática, a crise... Como se despir para encarar o acontecimento? A descolonização não é só no palco, precisa ser no todo."*

Me pergunto a quantas que anda a ideia de desconstrução acadêmica no quesito de olhar, da escuta, do abraçar o novo,mas não abraçar no âmbito do “exótico” do bonitinho e sim o abraçar de verdade.

*E bem na real nem é tão novo  
é apenas algo que antes  
se recusaram até de admitir que existia  
e que era uma forma válida  
de arte  
Ninguém inventou a roda no teatro,  
O problema tá em esperar um Branco Europeu para validar.*

A narrativa do Meio acadêmico tradicional de inviabilizar o conhecimento alheio ao seu controle ridicularizando ou apartando fazendo categorias extremamente específicas e pontuais, colocando suas referências vivências e desenvolvimento Acadêmico abaixo do aceitável pela Universidade tornando sua experiência não válida, cria um Aluno inseguro e um ator medíocre se tornando uma pária escolar.

*E quando dissemos medíocre é o termo literal da palavra tá  
“Adjetivo De qualidade média, mediana; que não é bom nem mau: obra **medíocre**. Sem  
criatividade nem originalidade; banal: projeto **medíocre**. Característica do que é comum,  
ordinário, trivial: comentário **medíocre**. substantivo masculino algo ou alguém que não tem  
grande valor intelectual.”*

Classificar as experiências anteriores de um ator como não produtivas ou não expressivas para o meio Acadêmico Pautado em técnicas engessada e pré determinadas e ou transformando seus resultados em algo estritamente exótico não havendo uma didática individualmente construída por esse ator válida precisa ser urgentemente ser combatido ou qualquer ação afirmativa no meio teatral acadêmico tradicional será nada mais do que filantropia ilusória para apenas inflar o ego destes acadêmicos e tentar livrar-se sua culpa do silenciamento existente .

Produzindo esse texto eu me dei conta o porque Artaud não é nem citado nos primeiros semestres, pois ele nunca foi um professor, em momento algum ele se “comprometeu” com alguma espécie de Metodologia, e sim apenas expôs suas ideias e impressões de teatro em seus escritos fazendo com que as pessoas que os lessem se apropriarem de suas palavras e produzissem juntamente com suas próprias vivências sua metodologia pessoal, fazendo com que esse ator pensante e desperto para as suas próprias ambições e desejos não seja facilmente moldável e conseqüentemente enfraquecendo o poder de controle das produções acadêmicas tradicionais conservadoras e suas ramificações.

Escutei muito que “teatro não é uma receita de bolo” mas no fundo o teatro engessado e opressor nada mais é do que isso, um livro de receitas de bolo, que parece extremamente variado com bolos de todos os sabores e recheios e uns até bem “exóticos” e diferentes mas que no quebrar dos ovos é apenas....

## **BOLO**

Não importa o quanto que varie, o quanto que tu invente e incremente e mesmo com suas vivências fora da mesma, no final tu vais ter que fazer um bolo pra se enquadrar, e se tu se cansa e decide que vai fazer EMPADA como que fica? Não tem como fazer empada sabendo só fazer bolo, e se eu NASCI FAZENDO EMPADA mas preciso obrigatoriamente fazer bolo como eu faço?

E esse público que consome apenas Bolo a anos e anos, quando ver uma empada na vida vai achar uma merda, não vai comer ou nem entender nada.

*Estamos falando muito de comida não é?*

*Voltemos ao teatro então...*

Grotowski cita em sua obra o ato a necessidade do ator se desnudar-se perante a plateia renunciando a inúmeros conceitos internos para assim rasgar a máscara diária e realizar um “ato total”. Artaud foi uma das estudiosas que inspiraram Grotowski que nós sabemos e o “ritual” é uma forma de entendimento de alguns conceitos do mesmo. O que me fez pensar em uma questão, se o ator precisa se desnudar-se para assim obter o “ATO TOTAL” porque quando há uma desnudação do aluno ele é radicalmente podado na maioria das vezes?

Esse corpo desnudo, vazio vai transmitir o que? nada seu com certeza e se não há nada em seu interior pois já foi esvaziado que sentimento ele irá passar? Um novo que foi apenas montado pra estar lá.

Artaud é uma figura aclamada pelo meio acadêmico tradicional mas raramente dá a devida atenção às coisas que ele diz

Artaud não foi e nunca vai ser um teatro Utópico como eu escutei por muito tempo na academia e ainda escuto, coisa como “ninguém conseguiu fazer o que ele queria” “ele não chegou a produzir o teatro que desejava” são frequentes quando se fala dele mas ninguém parou pra pensar que o teatro dele sempre esteve entre nós a questão é estão mesmo dispostos a ver?.

Eu vi num dos artigos que li sobre ele que estudar Artaud é como andar no campo e ao mesmo tempo no Abismo, e do mesmo jeito que não tem como falar do campo sem andar sobre a grama não tem como falar de Abismo sem saltar nele.

E eu concordo muito!

Minha indagação é bem simples:

Porque se escuta a fala sobre o abismo de quem fica em cima dando volta na beira ou pula com uma corda de segurança e não conhece nem a metade dele?

Porque então não se escuta quem tá lá embaixo e tá gritando a tanto tempo?

Cada um tem o seu abismo, e por mais que o meu não seja igual ao do outro, quem está no fundo não fala olhando de cima para os outros e sim pelos túneis que ligam mesmo que por um momento cada abismo existente.

Temos amigos, parceiros, que pularam e ainda pulam nesse abismo e que lutam junto dentro da academia para que todas as vozes sejam ouvidas e as histórias vividas na academia sejam contadas em uníssono e não apenas o que está na superfície e apenas o eco longínquo dos abissais.

Agora eu pergunto a vocês Academias Tradicionais, nós não queremos silenciar ninguém apenas estamos pedindo encarecidamente que não cubram a boca do poço pois também temos o direito de ver a luz.

*Não me importo nem um  
pouco de ser exceção  
O problema tá em só vocês  
serem sempre regra...*

## REFERÊNCIAS

Buenno,Winnie- Imagens de controle, Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins.Editora Zouk Porto Alegre,2020

Deleuze e Guarrari, op. cit., p. 108), com todos os riscos que essa resistência ao "juízo de Deus" acarreta. “ retirado de Três esquizos literários: Antonin Artaud, Raymonf Roussel e Jean-Pierre Brisset Lima, Marcos Eduardo Rocha)

SILVEIRA,Mesac-Metodologia em pesquisa em Artes Cênicas,Marcavisual Porto Alegre, 2018

ALMEIDA,Saulo-Diálogo com as Mortas:A Ecloração do sagrado e a reconfiguração da experiência na cena decolonial,Práticas decoloniais nas artes da cena,Giostri Editora, 1º Edição São Paulo,2020

ARTAUD,Antonin-O Teatro e seu duplo,Livraria Martins Fontes Editora LTDA.São Paulo 2009